



Poder, liderança e violências teológicas: reflexões nas mensagens de Jesus de Nazaré

Power, leadership and theological violences: reflections on the messages of Jesus of Nazareth

Bruno Mateus de Lima Coutinho ^[a]

Manaus, AM, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Departamento de Teologia

Ildo Perondi ^[b]

Londrina, PR, Brasil

^[b] Sagradas Escrituras no *Studium Theologicum*; Faculdade Vicentina (FAVI), Estudos bíblicos. Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Departamento de Teologia

Nicolas Moura ^[c]

Curitiba, PR, Brasil

^[c] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Departamento de Teologia

Eva Gislane Barbosa ^[d]

Curitiba, PR, Brasil

^[d] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Departamento de Teologia

Como citar: COUTINHO, Bruno Mateus de Lima; PERONDI, Ildo; MOURA, Nicolas; BARBOSA, Eva Gislane. Poder, liderança e violências: reflexões nas mensagens de Jesus de Nazaré. *Pistis Praxis Teologia e Pastoral*, Curitiba, Editora PUCPRESS, v. 15, n. 3, p. 547-556, out./dez. 2023.

Resumo

Ao observar a Bíblia, sendo um dos livros mais lidos em todo o mundo, encontramos no Antigo Testamento algumas formas de liderança e poder que geravam violência e injustiça, mas tudo isso muda com a vinda de

^[a] Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), e-mail: mateuscoutinho71@gmail.com

^[b] Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), e-mail: mateuscoutinho71@gmail.com

^[c] Bacharelado em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), e-mail: nicolasmoura1992@gmail.com

^[d] Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio), e-mail: ildoper@gmail.com

^[e] Doutora em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), e-mail: evagislane40@gmail.com

Jesus Cristo que desfaz a lei do “olho por olho e dente por dente” pela lei do amor. No Antigo Testamento, os líderes muitas vezes se destacavam por suas habilidades militares ou políticas. As histórias frequentemente giravam em torno de conquistas e vitórias. Jesus, no entanto, apresentou uma abordagem inovadora. Ele se autodenominava "Bom Pastor", um termo que ressoava com a ideia de guiar, proteger e sacrificar em benefício de seu rebanho. Jesus ensinava e demonstrava com a vida que o poder deve ser exercido como um serviço, sobretudo às pessoas excluídas e marginalizadas, um *múnus* bem diferente do que estava escrito na placa acima de sua cabeça, na ponta de sua cruz, no dia de sua morte: “Jesus, Rei dos Judeus”. Essa nova forma de liderança se afastou das noções tradicionais de autoridade e, desta forma, enfatizou o cuidado, a compaixão e a doação da vida para com todo o povo de Deus.

Palavras-chaves: Liderança. Poder. Jesus Cristo. Serviço.

Abstract

When observing the Bible, being one of the most read books in the whole world, we find in the Old Testament some forms of leadership and power that generated violence and injustice, but all that changes with the coming of Jesus Christ who undoes the law of the “eye for an eye”, and a tooth for a tooth” by the law of love. In the Old Testament, leaders were often distinguished by their military or political skills. The conflicts, in the history, often revolved around conquests and victories. Jesus, however, presented an innovative approach. He called himself the “Good Shepherd”, a term that resonated with the idea of guiding, protecting and sacrificing for the benefit of his flock. Jesus taught and demonstrated with his life that power must be exercised as a service, especially to excluded and marginalized people, a very different role from what was written on the plaque above his head, on the tip of his cross, on the day of his death: “Jesus, King of the Jews.” This new form of leadership moved away from traditional notions of authority and, in this way, emphasized care, compassion, kindness, and the giving of life for all of God's people.

Keywords: Leadership. Power. Jesus Christ. Service.

Introdução

A Bíblia é um livro que tem influenciado profundamente a história e a cultura, sendo considerado sagrado por várias religiões ao redor do mundo. Dentro de suas páginas encontramos uma série de narrativas que abordam temas complexos, como poder, liderança e violência. Neste artigo, exploraremos como esses elementos são representados na Bíblia e exemplos da História, e como tais acontecimentos podem nos fornecer insights sobre essas questões.

Em todas as religiões, o poder é um atributo essencial da divindade. A fé cristã assim formula o primeiro artigo da revelação bíblica: “Creio em Deus, Pai todo poderoso, criador do céu e da terra”. Essa fórmula indica três aspectos da onipotência do verdadeiro Deus: ela é universal, pois Deus criou tudo (Gn 1,1; Jo 1,3); amorosa, pois Deus é o Pai que está nos céus (Mt 6,9); misteriosa pois só a fé pode distingui-la em suas manifestações por vezes desconcertantes, e abrir-se à sua ação salvadora (1Cor 1,18; 2Cor 12,9s). Ela se desdobra na história da salvação.

Mesmo com o passar do tempo, ainda há lideranças que incitam a violência, travam verdadeiras guerras com a intolerância religiosa. Hoje uma das preocupações diante a modernidade seria essa continuidade do poderio tóxico projetado no Antigo Testamento, que só menospreza a fraternidade humana. Ainda encontramos lideranças com uma sede de poder avassaladora, que atropela os valores éticos, desafia a moral cristã e o pertencimento à mesma família de seres humanos, acreditando serem superiores a qualquer pessoa.

“Entre vós não deve ser assim” (cf Mt 20,26): recortes sobre o poder no Antigo e Novo Testamentos

A conceitualização de poder vem maximizando debates por entre todas as ciências que se debruçam sobre constantes desafios na contemporaneidade, seus sinônimos são os mais variados possíveis, dentre eles a palavra força e potência, ambas demonstram a grandiosidade da etimologia por detrás da palavra.

No entanto, o contexto nos leva a identificar as proximidades entre poder e divindade, a priori, trata-se de uma tarefa difícil ao interpretar passagens bíblicas que condizem com o poder e relacionar com a visão de poder na atualidade. No Antigo Testamento, por exemplo, temos as perspectivas de poder dos grandes reis que governam pela força e que tinham consigo a suprema autoridade outorgada de forma monárquica, e este poder se manteve por longos anos. Sem embargo, nota-se também a autoridade de Deus, de quem tudo provia e conseguia em prol dos que com ele estavam, como por exemplo, nos últimos atos de Moisés, temos a presença de um poder devastador.

E acrescentou: “tenho hoje cento e vinte anos. Não posso mais ser chefe, e Iahweh me disse: ‘não atravessarás este Jordão’. Quem vai atravessar à tua frente é o próprio Iahweh teu Deus. Ele mesmo exterminará estas nações da tua frente. (Dt 31,1-3).

A vinda do Messias, portanto, prevista a partir dos escritos veterotestamentários que foram alimentados pelos profetas o apresentavam tanto um homem que seria pastor como também para os judeus, que acreditavam que o reino eterno se estabeleceria e com tamanha autoridade e poder o próprio Messias assumiria o trono de Davi, tanto é essa a espera que os magos quando seguiram a estrela e chegaram onde estava o menino perguntaram “Onde está o rei dos judeus recém-nascido?” (Mt 2,2).

Este rei teria seu exército e força e devolveria terras aos povos e a todos que os buscassem por seu poder.

Por isso, eis que dias virão – oráculo de Iahweh – em que não dirão mais: “vive Iahweh, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito”, mas dirão: “vive Iahweh, que fez subir e retornar à casa de Israel da terra do Norte e de todas as terras para onde ele os tinha dispersado, para que habitem em seu território. (Jr 23,7-8).

Já no período do Novo Testamento, de forma mais institucionalizada, o poder consistia na famosa *Pax Romana*, pois aderindo às razões fundamentais de autoridade se mantinha a ordem em alguns setores fundamentais que, segundo Morin (1988, p. 101), “A ordem fiscal, a ordem pública, o direito e a justiça constituem os três setores básicos em que o poder é exercido”.

A prosopografia política da era bíblica remonta a grandes mudanças de acordo com a geografia em que se contextualiza. O que mais é interessante para este tema abordado é o poder político judaico que era hegemônico e bem sistematizado. Ainda conforme Morin (1988, p. 104), “no tempo de Jesus, o poder político tinha sua origem no templo. Certo que a Judeia estava ocupada pela força militar romana e Pilatos, o governador, representava o imperador Tibério”.

Por isso a estética do poder se via pelo quão grande eram os impérios, construções e seus armamentos, tudo isso, contribuiu para uma boa visualização de poder:

O poder imperial é a combinação do poder militar, econômico, político e ideológico. Não se pode falar em teologia cristã do primeiro século sem falar em teologia “augustana”. Esta centra-se na divindade do Imperador. Não se trata somente de propaganda, mas há uma extraordinária campanha apoiada pelas elites políticas “romanas” pelo império inteiro. Esta divindade é primeiramente uma prerrogativa dinástica, depois imperial, e liga-se, entre outros, a Calígula, Cláudio, Nero, Vespasiano, Tito, Júlio César, Otaviano, Domício. Antes de Jesus Cristo, estes foram os títulos de César Augusto: Divino, Filho de Deus, Deus, Deus de Deus, Senhor, Redentor, Libertador, Salvador do Mundo. Finalmente, a teologia imperial liga-se a poemas, inscrições, moedas, imagens, estátuas, altares, estruturas. Há neste conjunto uma sequência narrativa, encarnada em César, de Religião→Guerra→Vitória→Paz. (DE OLIVEIRA, 2013, p. 197).

No entanto, a história tratou de demonstrar que o Messias enviado não viria com a imagem predita pelos que estavam insatisfeitos com os poderosos de seu tempo, e sim, com a simplicidade ilustrada por uma das poesias contida nas Sagradas Escrituras:

*“No princípio era o Verbo
e o Verbo estava com Deus
e o Verbo era Deus.
No princípio, ele estava com Deus.
Tudo foi feito por meio dele
e sem ele nada foi feito.
O que foi feito era a vida,
e a vida era a luz dos homens;
e a luz brilha nas trevas,
Mas as trevas não a apreenderam”.* (Jo 1,1-5).

A partir desta narração compreende-se o Messias, o qual era aguardado por gerações, o libertador, como aquele que consigo haveria de ter o poder sobre tudo e todos – o enviado de Deus.

Jesus de Nazaré, neste caso, foi um ser humano no qual todo o poder que lhe foi atribuído foi exercido em prol do serviço aos outros. Fato é que as muitas ciências se preocupam até hoje em explicar aquilo que foi narrado pelos escritos acerca de Jesus, seus milagres e suas demais cenas metafísicas existentes. No entanto, utiliza-se do viés antropológico e cultural para evidenciar que no ponto de vista prático, o importante é justificar, ao tratar deste artigo, as possibilidades que Jesus de Nazaré teria de criar zonas de conflitos que também perdurariam na história, mas o que perdurou foi a sua pessoa e a forma que se utilizou de seu poder.

Dados certos e aspectos hipotéticos, até mesmo buracos negros, estrelam o panorama da pesquisa histórica sobre as origens de Jesus. O motivo das persistentes incertezas sobre seu documento de identidade é que as fontes à nossa disposição não nos oferecem muitos elementos. (BARBAGLIO, 2011, p. 119).

A disparidade entre Jesus e os poderosos do seu tempo era enorme. A relação que eles tinham com o poder era completamente diferente. As críticas que Jesus proferia não eram isoladas. Ele afirmava porque percebia, e percebendo, denunciava. Igual quando falava sobre quando os que tinham certa autoridade usufruem dos bens dos mais humildes e depois se dirigiam aos templos para desviarem sua maldade (Mc 12,40). Ou então quando Jesus advertia seus discípulos a se afastarem dos escribas que tinham suas vestes tão suntuosas quanto sua desonestidade e sempre queriam os primeiros lugares nos ambientes (Lc 20,45-46).

Contudo, ao mesmo tempo que denunciava, mostrava caminhos possíveis para uma mudança de atitude ou um novo modelo de vida. Este é o caso de Zaqueu que era um publicano, cobrador de impostos e era muito rico (Lc 19,2).

O maior poder de Jesus era o serviço, sua forma de compromisso com as pessoas com maior vulnerabilidade social tinha como características a consciência de autonomia que o mesmo procurava demonstrar e apresentar às pessoas.

Jesus estimulava as pessoas a se firmarem e a terem confiança em si mesmas. Elogiou o escriba quando este chegou a entender que o amor de Deus e ao próximo eram o centro da Lei de Deus (Mc 12,34). Animou a Jairo (Mc 5,36), confirmou a mulher do fluxo de sangue (Mc 5,34), encorajou os dois cegos (Mc 8,25; 10,49-52), revelou o valor da ação aparentemente nula da viúva (Mc 12,41-44). A atitude livre, liberta e libertadora de Jesus contaminava os discípulos e os confirmava a transgredir normas caducas. (MESTERS, 2013, p. 101)

Apesar disso, entre o seu círculo mais íntimo de amigos Jesus se deparou com disputas de poder. Trata-se, por exemplo, do pedido de Tiago e João a Jesus que procuravam lugares de destaque (Mc 10,35-45). Esta passagem nos remonta a uma preocupação que caracteriza certa incredulidade ao Messias. Se ele, com tamanho poder, força e persuasão seria capaz de tudo, porque ainda entre seus companheiros mais próximos haveria de existir discussões tão antagônicas ao que ele com autoridade ensinava?

A intimidade com seus discípulos era tão grande que era permitido que os próprios errassem, o que não é permitido quando analisamos as esferas de poder criadas e sustentadas pelo capital desenfreadamente desumano. A fraqueza dos que buscavam o Messias era a demonstração da força e poder que nele existia. Hodiernamente a perspectiva do poder abrange as relações sociais, religiosas e por demais as econômicas, mas Jesus, o Nazareno, tanto quanto os seus seguidores de antigamente como os deste milênio não devem permitir que a lógica do capital passe frente à lógica humana, pois ele ensinava que “entre vós não deve ser assim” (Mt 20,26).

O que difere, portanto, a dimensão do poder vivenciado no tempo de Jesus e o vivenciado hoje? À medida em que se analisam as características predominantes nos contextos social, político e religioso da época de Jesus de Nazaré, conseguimos fazer um paralelo com a utilização do poder religioso predominante no século XXI. A partir das palavras deste Galileu, temos pistas para avançarmos no debate, pois conforme o próprio Jesus, aquele que quisesse ser o primeiro, deveria ser o que mais serve aos demais (Mt 20,27).

A violência estrutural nas narrativas bíblicas

A Bíblia não oculta a presença da violência em suas histórias. Desde a violência cometida por Caim contra Abel (Gn 4,1-16) até as guerras e conflitos relatados no Antigo Testamento, a violência é retratada como uma consequência trágica do pecado e da natureza humana caída. No entanto, a Bíblia também oferece exemplos (Jo 8,9-11; Mt 5,9; Mt 26,52) de como a violência pode ser condenada e superada, incentivando a paz e a reconciliação.

O Deus régio dos deuteronomistas é um Deus violento, e tal perspectiva se aflora ainda mais nos redatores javistas e de suas aplicações violentas (BAUMAN, 2011, p. 185), sendo mudada com o advento de Jesus de Nazaré. Uma das histórias que mais exemplifica essa antítese messiânica do *ethos* veterotestamentário está na narrativa do Sermão do Monte (Mt 5-7). Nele, Jesus traça conceitos presentes na lei do Antigo Testamento, reinterpretando-os, aliás, há muitos paralelismos entre Moisés e Jesus. Ambos nascem em contexto de perseguição e infanticídio, causado por líderes inescrupulosos que vêem seus tronos ameaçados. Ambos vêm de famílias disfuncionais e lidam com os conflitos de domínio com seus povos, e muitos outros paralelos poderiam ser traçados por ambos, porém o caso mais conhecido é, sem dúvida, o paralelo entre a Lei recebida no Monte Sinai (Ex 20) e a interpretação e aplicação desta Lei realizada por Jesus no Sermão do Monte (Mt 5-7).

O Sermão do Monte é o discurso inaugural de Jesus no Evangelho de Mateus. É a constituição do novo povo de Deus, o protocolo da nova Aliança, o manifesto do Messias Salvador. Jesus não pretende eliminar a Lei, mas dar-lhe a devida interpretação (Mt 5,17). O Sermão se abre com as bem-aventuranças e depois Jesus oferece uma nova visão da lei moral bíblica (sobretudo do Decálogo), os grandes mandamentos do amor a Deus e ao próximo e a prática da caridade e da justiça. O Sermão passa a ser o projeto orientador do Reino que Jesus anuncia e coloca em prática.

É este ensinamento novo, baseado na prática do amor, na acolhida às pessoas marginalizadas e excluídas, que colocou Jesus em conflito tanto com o sistema político religioso judaico quanto com o poder do império romano. O Reino de Deus (ou dos Céus) inclui, resgata, abre espaço para todas as pessoas e ao mesmo tempo denuncia o sistema vigente. E será esta ameaça que culminará com a morte de Jesus na cruz.

Segundo Élian Cuvillier, a última violência feita a Deus é realizada na pessoa de Jesus:

Ora, essa última violência que teria, logicamente, conduzido a uma retaliação violenta de Deus (cf. a parábola dos vinhateiros homicidas) torna-se o lugar em quem, em Mateus, Jesus aceita despojar-se da necessidade de violência e de vingança, não somente em atos, mas igualmente em palavras (CUVILLIER, 2019, p. 144s).

Mas antes de sofrer do uso violento do ser humano, Jesus rompe com uma lógica retributiva no Sermão, justamente como recurso retórico de antecipação para o que viria na Paixão de Jesus:

A Boa-Nova que Jesus proclama contém uma dimensão violenta. Mas uma violência particular, uma vez que se une a uma luta pela Vida. Todo nascimento, físico ou espiritual, supõe uma passagem, uma ruptura, um abandono de uma maneira ou de outra, portanto uma violência [...]. A pregação de Jesus de Nazaré é um combate para essa ressurreição. Ela contém, portanto, intrinsecamente uma parte de violência: a da Vida em luta constante contra os poderes da morte (CUVILLIER, 2019, p. 155).

Ou seja, Jesus é aquele que busca – em uma situação de extrema violência, como sua morte – reconciliar e pacificar as coisas, rompendo com o padrão violento e persecutor das lideranças de seu tempo. Em Jesus há uma antítese do domínio pela violência, padrão que infelizmente não foi seguido, como ver-se-á nos exemplos históricos a seguir.

A ponerologia micropolítica na história cristã

Feitas as análises do poder e das narrativas bíblicas, podemos agora olhar para as experiências históricas que nortearam algumas situações políticas de viés religioso, isto porque, no advento da modernidade houve uma certa reaproximação do Estado em relação à algumas comunidades religiosas, principalmente as de viés cristão.

Se olharmos para os acontecimentos ocorridos a partir do século XX, veremos uma miríade de eventos em que houve uma simbiose entre a cristandade e o Estado, *exempli gratia*, a experiência italiana com Mussolini¹, na qual no usufruto de seu poder político, usou-a para se aproximar da Igreja – como visto no Tratado de Latrão em 1929; é sabido, porém que muitas de suas políticas públicas levaram à morte de dezenas de pessoas (NATOLI, 1995). Há exemplos também na experiência brasileira, como nos acontecimentos ocorridos em nosso território após as eleições presidenciais em 2018; isto porque as alas pentecostais e neopentecostais que lideram a alcunhada “Bancada Evangélica”, aproximaram-se sobremaneira aos poderes constituintes e de seus entes federativos, visando uma expansão de seus domínios sem, entretanto, respeitar a laicidade do estado em detrimento dos partícipes de outras religiões (PY, 2020). Outro fator preocupante nessa relação político-religiosa é o histórico de certas denominações cristãs com governos militares, conforme evidencia o pesquisador brasileiro João Dias de Araújo, que aborda principalmente os eventos ocorridos no golpe de 1964 e os eventos subsequentes da ditadura militar eclodida no Brasil. Em sua pesquisa, Araújo (2020) aponta que muitos líderes da Igreja Presbiteriana do Brasil perseguiram de forma contundente líderes da denominação que não estavam alinhados com o golpe, como o Reverendo Lemuel do Nascimento, Joaquim Beato e, talvez o caso mais conhecido, do teólogo Rubem Alves (JUNIOR, 2014, p. 25-26).

Tais experiências de dominação ocorreram também com os calvinistas na África do Sul e no sul dos Estados Unidos. O calvinismo tem como axioma a manifestação de sua cosmovisão em todas as esferas da sociedade (principalmente no neo-calvinismo kuyperiano), mesmo que estas venham a sobrepujar o próprio Estado (CARVALHO, 2005, p. 43), o que pode desencadear no que Dorothee Sölle alcunhou de Cristofascismo (PINNOCK, 2003).

Tal ocorrência foi evidente na experiência da Convenção Batista do Sul nos Estados Unidos, nos idos de 1845, quando houve uma divisão entre os Batistas em relação aos posicionamentos contra a escravidão, tendo a ala calvinista permanecido junto àqueles que estavam a favor de manter os escravos. Foi a partir desse evento que ficou clarividente o posicionamento e a prática do racismo na Convenção

¹ Mussolini era reconhecidamente ateu (cf. MUSSOLINI, 1974, p. 131).

Batista do Sul, ao defender o trabalho escravo (DA SILVA, 2003, p. 11), sendo tal posicionamento racial “revogado” apenas em 1995 (PRIEST; NIEVES, 2007, p. 275; 339), exatos 150 anos após os eventos citados.

Algoritmos a serviço do Cristofascismo

Um fator preponderante para a maximização do fenômeno das ponerologias necropolíticas dentro do cristofascismo é o populismo atrelado à psicopolítica, termo presente na obra do filósofo sul-coreano Byung Chul-Han em um de seus livros (CHUL-HAN, 2020). Isto porque esta psicopolítica gerou uma autonomização que prende o indivíduo não mais a uma cadeia produtiva alheia de si, mas o próprio indivíduo é o produto e ao mesmo tempo o produtor, neste caso específico do conteúdo a ser publicado/postado/debatido nas redes sociais. Partindo desse pressuposto, quando olhamos para o fenômeno da internet, vemos que essa não somente deu voz aos imbecis – termo atribuído a Umberto Eco –, mas potencializou os discursos que inflamam as massas, como pode ser visto nas produções audiovisuais, como *Democracia em Vertigem*; *Sala Samobójców. Hejter*; *The great hack*; *The social dilemma*, entre outras. Desta maneira, a internet catapultou o populismo a níveis nunca antes vistos, muito por conta das sementes muito bem arraigadas no século XX com as duas guerras mundiais e seus partícipes, preparando o terreno que gerou – seja socialmente, tecnologicamente ou politicamente – os dias atuais, haja vista o intenso debate em torno não somente da temática do populismo, mas, principalmente, das ações perpetradas por líderes políticos de viés neo-liberal e cristão.

Já não fosse preocupante tal tema, ainda há o agravante do cristofascismo, algo muito presente nos discursos populistas da atualidade, em líderes como Orban, Bolsonaro, Trump, Putin e tantos outros, que usam como prerrogativa em seus discursos uma moral judaico-cristã, atrelada a uma cosmovisão fundamentalista e conservadora, sendo um discurso de forte apelo histórico e recheado de teorias saudosistas e utópicas, ou, como disse Halík, “uma imitação nostálgica do passado”, lutando contra essa ideia de mundo culturalmente monocromático (HALÍK, 2022), causando a falsa sensação de que valores nacionais se perderam no meio do caminho, e que estes necessitam ser recuperados. Não à toa que tais líderes são protecionistas, negacionistas, intervencionistas, anti-comunistas, com forte adesão de grupos militares, conservadores, nacionalistas e pertencentes a grupos autodenominados cristãos, ou seja, o populismo atualmente quase sempre tem relação com o cristofascismo; é uma simbiose em que um se alimenta do outro, e quanto mais crescem, mais fortes ficam. Isso explica, por exemplo, o crescimento avassalador do neo-evangelicalismo brasileiro e o crescimento de políticos que pautam em seus planos de governo as cartilhas defendidas por esses grupos religiosos. Já não são mais valores ou crenças em jogo, tudo se tornou em ferramenta política de domínio das massas, tendo a política tomado o lugar do sagrado, perpetuando o Deus teocrático que está acima de todos – como dito por Hitler em seu “*Deutschland über alles*”, cf. SCHOSSLER, 2018 e redito por Bolsonaro, cf. PY, 2020 –, quebrando princípios e valores pertencentes tanto aos Estados modernos quanto aos valores intrínsecos à cristandade que preza pela liberdade do indivíduo bem como de sua religião, conforme a *Dignitatis Humanae* do Concílio Vaticano II.

Considerações finais

O Antigo Testamento da Bíblia é uma tapeçaria complexa de histórias, leis e ensinamentos que abrangem um período significativo da história e da fé. Nesse contexto, surgem questões como poder e liderança, muitas vezes associadas a dinâmicas de autoridade e dominação. No entanto, a mensagem de

Jesus Cristo trouxe uma revolução conceitual que remodelou esses princípios fundamentais, permeando-os com ideias de humildade, serviço e amor.

A mensagem de Jesus transformou a compreensão do poder e da liderança no cenário do Antigo Testamento. As histórias apresentadas na Bíblia e nos exemplos históricos aqui vistos fornecem uma fonte de reflexão sobre poder, liderança e violência. Elas nos alertam sobre os perigos do poder inconsistente e nos encorajam a buscar lideranças que se pautam em princípios éticos. Além disso, nos inspiraram a trabalhar pela paz e pela reconciliação, superando a violência que permeia a história humana. Ao estudarmos essas narrativas, podemos aprender lições valiosas que nos ajudam a enfrentar os desafios relacionados a uma liderança tóxica que oportuniza violência em nossas próprias vidas e na sociedade.

No Antigo Testamento, o poder era frequentemente vinculado ao controle e à supremacia. Líderes, muitas vezes, exerciam sua autoridade por meios coercivos e de força. A vinda de Jesus inaugurou uma revolução conceitual. Ele redefiniu o poder como serviço e enfatizou a importância de se colocar à disposição dos outros. Em vez de dominar, Jesus optou por capacitar e inspirar, ilustrando essa filosofia por meio de seus ensinamentos e ações. Ele ensinou que o verdadeiro poder reside na capacidade de nutrir a dignidade de cada indivíduo.

Referências

- AMAER, Karim; NOUJAIM, Jehane (Dir.). *The great hack*. Estados Unidos: Netflix, 2019. (113)
- ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição sem fogueiras: vinte anos de história da Igreja Presbiteriana do Brasil (1954-1974)*. 4. ed. Americana: Resistência Reformada, 2020.
- BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, Hebreu da Galileia*. São Paulo: Paulinas, 2011. 673 p.
- BAUMAN, Gerlinde. *Entender as imagens divinas da violência no Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de. A Cosmovisão Calvinista e a Resistência ao Estado. In: FIDES REFORMATA X. Anais [...], n. 2 (2005), p. 21-44.
- CAUSE, Jean-Daniel; CUVILLIER, Élian; WÉNIN, André. *Divina violência: abordagem exegético e antropológica*. Tradução de Joaquim Pereira. São Paulo: Edições Loyola, 2019.
- CHUL-HAN, Byung. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Veneza: Âyiné, 2018.
- COSTA, Petra (Dir.). *Democracia em vertigem*. Brasil: Netflix, 2019. (121 min.).
- DA SILVA, Elizete. Visões protestantes Sobre a Escravidão. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 11, 2003.
- DE OLIVEIRA, Flávio Martinez. A violência no Novo Testamento: Mateus, Paulo e Apocalipse. In: Congresso Estadual de Teologia. Anais [...]. 2013. p. 195-207.
- HALÍK, Tomáš. *Fundamentalismo e nacionalismo ameaçam o cristianismo*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/619676-fundamentalismo-e-nacionalismo-ameacam-o-cristianismo-entrevista-com-tomas-halik>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- JUNIOR, Valdir Gonzalez Paixão. Poder, memória e repressão: a Igreja Presbiteriana do Brasil no período da ditadura militar (1966-1978). *Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos*, v. 2, n. 2, p. 20-40, jun. 2014.

KOMASA, Jan (Dir.). *Sala Samobójców Hejter*. Polônia: Naima Film; TVN, 2020. (135 min.).

MESTERS, Carlos. *Com Jesus na contramão*. São Paulo: Paulinas, 2013. 135 p.

MORIN, Émile. *Jesus e as estruturas de seu tempo*. São Paulo: Paulus, 1988. 155 p.

MUSSOLINI Rachele. *Mussolini An Intimate Biography by His Widow*. New York, US: William Morrow & Company, 1974.

NATOLI, Aldo. *Il Tribunale Speciale*. Disponível em: <http://www.storiaxxisecolo.it/antifascismo/antifascismo6.html>. Acesso em: 22 jun. 2022.

ORLOWSKI, Jeff Orłowski (Dir.). *The social dilemma*. Estados Unidos: Netflix, 2020. (94 min.).

PAULO VI. *Dignitatis Humanae*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html. Acesso em: 22 jun. 2022.

PINNOCK, Sarah K. (Ed.). *The Theology of Dorothee Soelle*. San Antonio, TX: Trinity Press International, 2003.

PRIEST, Robert J.; NIEVES, Alvaro J. (Ed.). *This Side of Heaven: Race, Ethnicity, and Christian Faith*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

PY, Fábio. *Pandemia Cristofascista*. São Paulo: Recriar, 2020.

SCHOSSLER, Alexandre. "Alemanha acima de tudo", um verso e um passado sombrio. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/alemanha-acima-de-tudo-um-verso-e-um-passado-sombrio/a-46002358>. Acesso em: 22 jun. 2022.

RECEBIDO: 04/05/2023

RECEIVED: 04/05/2023

APROVADO: 16/09/2023

APPROVED: 16/09/2023